



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9719 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

“NÃO ESTAMOS EM QUARENTENA”:
TRABALHO JUVENIL EM TEMPOS DE
PANDEMIA

Maria Carla Corrochano - UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESP

“NÃO ESTAMOS EM QUARENTENA”: TRABALHO JUVENIL EM TEMPOS DE PANDEMIA

RESUMO

Trata-se de apresentar conclusões parciais de uma pesquisa que busca analisar as trajetórias de jovens moradores das periferias de São Paulo na construção de alternativas para geração de trabalho e renda, bem como contribuir para a formulação de políticas públicas direcionadas à condição juvenil no mundo do trabalho. O foco será evidenciar os desafios e estratégias por eles mobilizadas no contexto da crise econômica, social e política que se agrava diante da pandemia do novo coronavírus. A pesquisa, de caráter quantitativo e qualitativo aplicou questionários e entrevistou 196 jovens de modo *online* e por meio da metodologia de pesquisa entre pares. Os resultados evidenciam o acirramento das dificuldades desses jovens na construção de alternativas de geração de trabalho e renda, mas ao mesmo tempo experiências e modos diversos para enfrentá-las, mesmo considerando a similitude de posições estruturais.

Palavras-chave: Jovens, Trabalho, Pandemia de Covid-19, São Paulo.

O trabalho apresenta conclusões parciais de uma pesquisa que busca analisar as trajetórias de jovens moradores das periferias de São Paulo na construção de alternativas para geração de trabalho e renda, bem como contribuir para a formulação de políticas públicas direcionadas à condição juvenil no mundo do trabalho. O foco aqui será evidenciar os desafios e as estratégias mobilizadas por esses jovens no contexto da crise que se aprofunda diante da pandemia de covid-19.

Diferentes análises têm evidenciado a presença e importância da dimensão do trabalho e da combinação entre trabalho e estudo nas trajetórias de jovens no Brasil (SPOSITO, 20015). Mais recentemente, a incorporação da vida familiar nessa perspectiva, incluindo-se a experiência (ou não) da conjugalidade, parentalidade e saída da casa dos pais, tem tornado

mais complexas as análises, evidenciando trajetórias desiguais que variam conforme as faixas etárias, classe, gênero, cor/raça e localização (GUIMARÃES, BRITO e COMIN, 2020). Embora concentrando o olhar na esfera do trabalho, nossa análise não ignora a importância das inter-relações entre essas dimensões – trabalho, estudos e vida familiar – nos percursos juvenis.

Desde dezembro de 2019, quando os primeiros casos de contaminação pelo novo coronavírus foram identificados em Wuhan, várias análises têm evidenciado os impactos negativos da expansão da covid-19 em todo o mundo e em diferentes dimensões da vida social, ao mesmo tempo que explicitam as expressivas desigualdades que marcam sua disseminação e controle – ou descontrole, como no caso brasileiro.

Em relação à piora das condições de acesso ao mercado de trabalho no Brasil, e particularmente entre os mais jovens, algumas considerações são relevantes. Em primeiro lugar, é preciso evitar análises que sejam apenas fotografias do momento presente (BRIDI, 2020): a piora nessas condições já vinha se configurando desde a crise iniciada em 2015, quando interrompe-se a trajetória de expansão do trabalho formal da década anterior (LEITE e SALAS, 2014). O desemprego volta a alcançar índices elevados, amplia-se a precarização dos contratos e condições de trabalho e cai o valor real do salário-mínimo, com implicações significativas para a redução das desigualdades.

Em segundo lugar, o olhar para os efeitos mais prolongados da crise entre os mais jovens, que tem mobilizado o uso do termo “geração lockdown” (ILO, 2020), não pode obscurecer o fato de que as dificuldades de inserção juvenil no mercado de trabalho são atravessadas por assimetrias de classe, gênero, étnico-raciais e localização. Análise de Corseuil e Franca (2020) revela, no contexto da pandemia, um aumento expressivo de jovens em inatividade por desalento, atingindo de modo mais intenso as jovens mulheres e os jovens da região Nordeste. Além disso, é preciso considerar a elevação da evasão escolar, que poderá produzir impactos significativos na tendência anterior de maior presença na escola, especialmente entre jovens das camadas populares (PEREGRINO, 2011).

O tipo de inserção no mercado de trabalho também aparece como outro elemento relevante. Os recentes protestos de entregadores de aplicativos tornaram evidentes as piores condições de trabalho a que estão submetidos os jovens, e especialmente os jovens negros das periferias urbanas (ABILIO, 2020). Para além dos baixos salários e da ausência de direitos, estiveram mais expostos à contaminação pelo novo coronavírus dadas suas condições sociais.

Os jovens interlocutores de nossa pesquisa estavam inseridos em situações onde a pandemia teve efeitos mais agudos: aqueles que trabalhavam por conta própria ou buscavam organizar-se coletivamente para geração de trabalho, em geral de modo informal (CARVALHO e NOGUEIRA, 2020).

Iniciávamos o trabalho de campo quando foi decretada a quarentena no Estado de São Paulo para o enfrentamento da pandemia, impedindo a realização de atividades presenciais. A pesquisa entre pares (PHILIBER, 1999) tornou-se fundamental dadas as alterações do contexto. Sem a participação dos 10 jovens das regiões escolhidas, que puderam usufruir de uma bolsa de pesquisa, o contato inicial com os jovens interlocutores, bem como a aplicação de questionários e realização de entrevistas por meio da plataforma Meet teria sido mais

difícil. Ainda que o uso de técnicas *online* não seja novidade no campo das ciências sociais (JAMES e BUSHNER, 2016), a proximidade entre jovens pesquisadores e interlocutores foi fundamental para criação de engajamento, diante de um contexto em que várias urgências se impunham. A pesquisa, de caráter quantitativo e qualitativo, aplicou questionários e realizou entrevistas junto a 196 jovens, entre 16 e 29 anos. A seguir algumas das conclusões preliminares.

Considerando o conjunto interlocutores da pesquisa, temos 52,8% de jovens identificadas com o gênero feminino, outros 46,1% com o masculino e 1,1% como não binário; predominantemente negros (71,2%); com uma escolaridade relativamente elevada: 49,4% haviam alcançado o ensino superior, enquanto 45,6% haviam terminado o ensino médio. Em termos econômicos, a maior parte vivia em famílias com renda em torno de 1 e 2 salários-mínimos, e a vulnerabilidade também se expressava no fato de 56% estarem recebendo o auxílio emergencial no momento da pesquisa.

Do ponto de vista do trabalho, 50,3% estavam engajados em coletivos atuando nos campos da cultura, comunicação, educação e alimentação, em geral não formalizados, enquanto 30,0% tinham negócio próprio, na forma de empreendimento individual nas áreas da cultura, prestação de serviços de estética e beleza, design, moda e produção de alimentos; outros 19,7% buscavam gerar renda tanto a partir de seus coletivos como de empreendimentos individuais nesses segmentos.

A despeito do recorrente discurso e das ações públicas de estímulo ao empreendedorismo como suposta solução para a crise da sociedade salarial e do desemprego juvenil, tensões emergiram das experiências daqueles que tinham um pequeno negócio. Se alguns relatos destacam a possibilidade de trabalhar “no que gosta” ou “sem patrão”, as dificuldades a que estão submetidos também se apresentavam com força: restrições financeiras, concorrência, precário acesso à informação, jornadas extenuantes e responsabilização individual por seus fracassos, no contexto das novas relações entre o trabalho e o capital (DARDOT e LAVAL, 2012; TOMMASI, 2018).

Entre os que buscavam gerar trabalho e renda por meio de seus coletivos, observou-se, para além da diversidade de formatos (cooperativas, associações ou grupos informais), críticas mais contundentes ao empreendedorismo. Por fim, também havia aqueles que buscavam equilibrar-se entre os dois campos: um negócio individual (ou mesmo um emprego no setor formal ou informal) enquanto não era possível gerar renda através do coletivo.

As situações não pareciam fixas, predominando um ir e vir entre diferentes estratégias em função da conjuntura, da presença ou ausência de políticas públicas, de sua condição familiar e do acesso (ou não) à continuidade dos estudos. A pandemia não atingiu nossos interlocutores de modo homogêneo, corroborando análises que identificam “grande diversidade de estados sociais” mesmo diante de posições estruturais semelhantes (MARTUCCELLI, 2004, p. 303). Além disso, tornou mais visíveis essas diferenças.

De modo geral, os e as jovens reconheceram os efeitos devastadores da pandemia nas regiões periféricas das cidades, entre os mais pobres, as mulheres, e as pessoas negras. Quase todos engajaram-se em iniciativas como redes de apoio, arrecadação de cestas básicas, a produção de máscaras, fortalecendo práticas que, mesmo não sendo propriamente novas nas periferias,

são intensificadas (GRUPO DE PESQUISA CIDADE E TRABALHO, 2021). Não por acaso um dos jovens enfatizou: “não estamos em quarentena”. Os relatos nos permitiram identificar ao menos três grupos com desafios diversos para a geração de trabalho e renda diante do agravamento da crise no contexto pandêmico.

Um primeiro grupo, com jovens de ambos os sexos, em geral acima dos 24 anos, se mostra engajado em coletivos ou empreendimentos de atuação mais duradoura, especialmente nos campos da cultura, acessando editais públicos que se disseminaram na cidade de São Paulo, alguns deles direcionados para jovens moradores de periferias. Se todos destacaram as perdas relativas à impossibilidade das apresentações presenciais, do contato mais direto com o público e da possibilidade de circulação, muitos afirmaram viver um momento “de exceção” por terem conseguido acessar recursos advindos de editais públicos.

As condições de atuação *online*, no entanto, tornam evidente alguns limites: “como fazer um espetáculo *online* na quebrada, com ausência ou dificuldades de conexão”? “Como conseguir as condições e o silêncio necessário para gravar uma apresentação em um lugar onde tudo é compartilhado, até os barulhos são compartilhados”. Ao mesmo tempo, e especialmente as jovens mulheres, destacaram o significativo aumento das horas de trabalho, incluindo as horas dedicadas aos afazeres domésticos, evidenciando o acirramento das desigualdades de gênero nesse contexto.

Um segundo grupo constituía-se predominantemente por jovens abaixo dos 25 anos e cujos coletivos ou empreendimentos tinham menos tempo de existência. Para além dos que atuavam no campo da cultura, segmentos como moda e alimentação estavam mais presentes. Uma miríade de situações foi observada, mas predominaram aquelas relativas à reconversão de seus empreendimentos originais e criação de novos campos de atuação, ou mesmo de combinação das atividades dos coletivos juvenis com os negócios individuais. Jovens que atuavam no campo da moda, por exemplo, passaram a produzir máscaras, para venda ou distribuição nas campanhas em que se envolviam. Outros buscaram gerar renda no campo da alimentação, em especial da alimentação saudável, e passaram a produzir marmitex em seus próprios bairros.

O terceiro grupo, com idades variadas, e sem desistir em dar continuidade às possibilidades de geração de trabalho e renda por meio de seus coletivos ou empreendimentos individuais, engajou-se na busca por um emprego no mercado de trabalho formal. Mesmo problematizando a garantia de um futuro estável por meio do trabalho com registro em carteira, o contexto pandêmico intensificou os questionamentos em torno do que uma das jovens entrevistadas nomeou como “flexibilidade dos coletivos”. Aqui, a ausência de direitos que marcava suas trajetórias profissionais estava no centro de seus questionamentos.

No contexto de desregulamentação das relações de trabalho, que se aprofunda a partir da reforma trabalhista de 2017 e do agravamento da crise econômica diante da pandemia, aprofundar o olhar para a situação de jovens moradores de regiões periféricas, que vivenciam sua inserção a partir de setores e atividades tipicamente desprotegidos, poderá nos permitir, para além da compreensão de um dos desafios inerentes à condição juvenil em nosso país - o desafio do trabalho, a percepção mais aguda de uma das “provas sociais” mais críticas de nossa era (ARAÚJO e MARTUCCELLI, 2002, p. 15).

REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, Ludmila C. Uberização e Juventude Periférica. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 39, n.3, p. 579-597, set-dez, 2020.
- ARAUJO, Kathya, MARTUCCELLI, Danilo. **Desafios comunes**: retratos de la sociedad chilena y sus individuos: trabajo, sociabilidades y familias. LOM, 2012. Tomo 2.
- BRIDI, Maria Aparecida. A pandemia Covid-19: crise e deterioração do mercado de trabalho no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.34, n.100, p. 141-165, 2020.
- CORSEUIL, Carlos H.L., FRANCA, Máira. Inserção dos jovens no mercado de trabalho em tempos de crise. **Boletim Mercado de Trabalho**, Brasília, IPEA, v. 26, n. 70, p. 93-104, set. 2020.
- CARVALHO, Sandro, NOGUEIRA, Mauro. O Trabalho precário e a pandemia: os grupos de risco na economia do trabalho. **Boletim Mercado de Trabalho**, v. 26, n. 70), p. 50-68, set. 2020.
- DARDOT, Pierre, LAVAL, Christian, C. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo editorial, 2012.
- GUIMARÃES, Nadya. A., BRITO, Murillo. M., COMIN, Alvaro. A. Trajetórias e transições entre jovens brasileiros: pode a expansão eludir as desigualdades? **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 39, n.3, p. 475-498, set-dez, 2020.
- GRUPO DE PESQUISA CIDADE E TRABALHO. (Micro) políticas da vida em tempos de urgência. **Dilemas**, Rio de Janeiro, n.59, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://www.reflexpandemia.org/texto-59>. Acesso em: 01 jun.2021.
- JAMES; N. BUSHNER, H. Online interviewing. In: SILVERMAN, D (org). **Qualitative research methods**. Londres: Sage, 2016, pp. 245-260.
- INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION (ILO). **Youth and COVID-19**: survey report, 2020. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_emp/documents/publication/wcms_753026.pdf. Acesso em 02 de jun. 2021.
- LEITE, Márcia P.; SALAS, Carlos. Trabalho e desigualdades sob um novo modelo de desenvolvimento. **Tempo Social**. São Paulo: vol. 26, n.1, pp. 87-100, jul.2014.
- MARTUCCELLI, Danilo. **Grammaires de l'individu**. Paris: Galimard, 2002.
- PEREGRINO, Mônica. Juventude, trabalho e escola: elementos para análise de uma posição social fecunda. **Cad. CEDES**. Vol. 31, n. 84, p. 275-291, maio-ago. 2011
- PHILLIBER, Susan. In search of peer power: A review of research on peer-based interventions for teens. In BERMAN, P et al. (orgs). **Peer potential**: Flórida, 1999, p. 81-111.
- TOMMASI, L. (2018). Empreendedorismo e ativismo cultural nas periferias brasileiras. H-ermes. **Journal of Communication**, 1(13), 167-196. Disponível em: <http://sibaese.unisalento.it/index.php/h-ermes/article/view/19925>. Acesso em 20 jan. 2021.
- SPOSITO, Marília P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H.W.; BRANCO, P.P.M. (Orgs). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005, p. 87-127.

